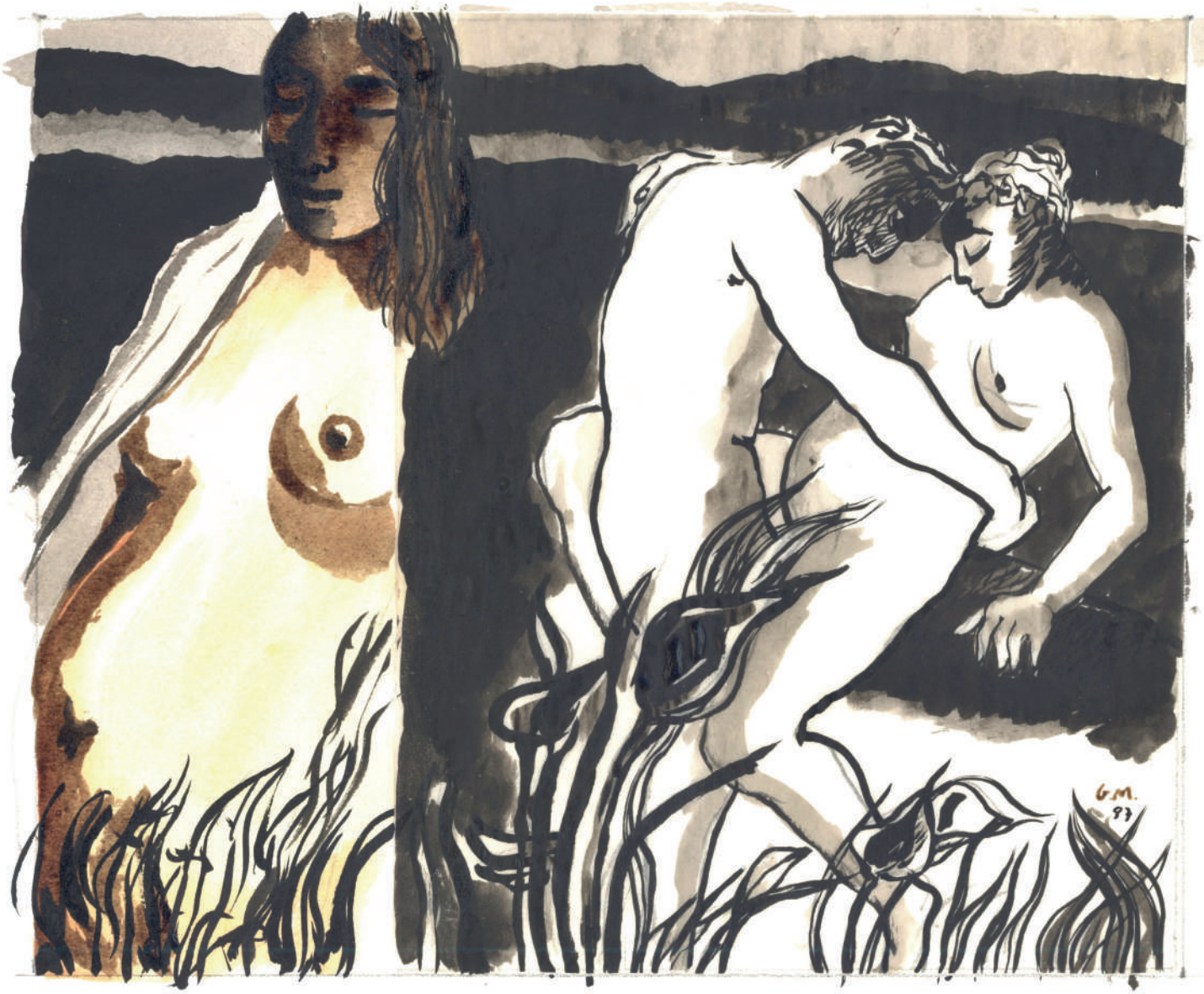


CATÁLOGO

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO:
A ARTE DE PENSAR *O ANO DE 1993*

2022

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO:
A ARTE DE PENSAR *O ANO DE 1993*

Exposição organizada no âmbito da VII Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo.
Exposición organizada no ámbito do VII Congreso Internacional José Saramago da Universidade de Vigo.
Vigo, 18-29 de Outubro de 2022

EXPOSIÇÃO
EXPOSICIÓN

ORGANIZAÇÃO
ORGANIZACIÓN

Universidade de Vigo
I Cátedra Internacional José Saramago

Instituto Politécnico de Bragança
Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais

Université Sorbonne Nouvelle, Paris
CREPAL - Centre des recherches sur les pays lusophones

COMISSARIADO
COMISARIADO

Burghard Baltrusch
Egídia Souto
Joana Baião

TEXTOS

Burghard Baltrusch
Joana Baião

COORDENAÇÃO
COORDINACIÓN

Antía Monteagudo Alonso

APOIO À COORDENAÇÃO
APOIO Á COORDINACIÓN

Afundación. Obra Social ABANCA
Alba Vidal Fernandez

DESIGN
DESEÑO GRÁFICO

Joana Lobinho

MONTAGEM
MONTAXE

Afundación. Obra Social ABANCA

IMPRESSÕES
IMPRESIÓNS

AGRADECIMENTOS
AGRADECEMENTOS

Pintora Graça Morais
Joana Morais
Fundação José Saramago
Camões – Centro Cultural Português em Vigo

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
COORDINACIÓN EDITORIAL

Burghard Baltrusch
Egídia Souto
Joana Baião

TEXTOS

Burghard Baltrusch
Joana Baião

TRADUÇÃO
TRADUCIÓN

Antía Monteagudo Alonso
Manuel Vilaboa Cebreiro

DESIGN
DESEÑO GRÁFICO

Joana Lobinho

EDIÇÃO
EDICIÓN

Universidade de Vigo
I Cátedra Internacional José Saramago

Instituto Politécnico de Bragança
Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais

ISBN: 978-84-09-44757-2

ORGANIZAÇÃO
ORGANIZACIÓN

I Cátedra Internacional José Saramago
Universida de Vigo

ipb INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

LABORATÓRIO DE ARTES NA MONTANHA - GRAÇA MORAIS

Sorbonne Nouvelle

Crepal EA 3421

COM O APOIO DE
CO APOIO DE

//Afundación Obra Social ABANCA

XUNTA DE GALICIA

Xacobeo 21·22

Saramago 1922·2022

fundação José Saramago

CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LINGUA PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

CAMÕES CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

THE PARIS INSTITUTE FOR CRITICAL THINKING

CISPAC

ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U.PORTO FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

MARCO MUSEO DE ARTE CONTEMPORÁNEA DE VIGO

ABELLA

abano producións

PARQUE NACIONAL MARÍTIMO TERRESTRE DAS ILLAS ATLÁNTICAS DE GALICIA

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 6
PRESENTACIÓN

BIOGRAFIAS
BIOGRAFÍAS
GRAÇA MORAIS 10
JOSÉ SARAMAGO 12

CATÁLOGO
O ANO DE 1993 - AS ILUSTRAÇÕES 15
O ANO DE 1993 - AS ILUSTRACIÓNS
OUTRO MATERIAL EXPOSTO 36

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO:
A ARTE DE PENSAR *O ANO DE 1993*

APRESENTAÇÃO

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO: A ARTE DE PENSAR *O ANO DE 1993*

Esta mostra, organizada por ocasião da comemoração do centenário do nascimento de José Saramago (1922-2010), aborda a amizade e o fértil encontro entre o escritor e a pintora Graça Morais (n. 1948), testemunhados pelos trabalhos expostos, pela primeira vez, em reproduções de grande qualidade: 9 dos 10 desenhos concebidos pela artista para a segunda edição, há muito esgotada, do livro *O Ano de 1993* (1987); e o retrato do escritor, inédito, executado algum tempo após o seu falecimento.

O público é recebido pelo rosto sereno, pensativo e interpelador de José Saramago, eternizado por Graça Morais num retrato marcado pela estruturação das feições através de vigorosas pinceladas e manchas de suaves contrastes cromáticos. Esta obra constitui o exemplo de uma prática retratística que se pauta pelo compromisso entre o registo das qualidades fisionómicas do indivíduo retratado, e a captação de impressões mais subjetivas que remetem para aspetos psicológicos individuais, mas que permitem refletir, de um modo mais genérico, sobre a natureza humana.

Nascida num pequeno povoado do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formou-se em Pintura no Porto, passou por Paris, e acabou por se sediar em Lisboa na década de 1980, porém sempre mantendo um vínculo profundo com a sua aldeia. O seu universo pictórico reflete estas dinâmicas, desde logo através de uma consciente reivindicação das suas origens, formalizada através de referências diretas à sua terra e às suas gentes, um mundo de mulheres e de homens que soube abordar a partir de dentro. Por outro lado, há na sua obra um sentido universal que transcende estas evocações matriciais e locais, relacionado com as ancoragens da pintora à história da arte e à literatura, com os estímulos que recebe de acontecimentos mais globais, e com as suas motivações e reflexões mais íntimas.

PRESENTACIÓN

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO: A ARTE DE PENSAR *O ANO DE 1993*

Esta mostra, organizada co gallo da conmemoración do centenario do nacemento de José Saramago (1922-2010), aborda a amizade e o fértil encontro entre o escritor e a pintora Graça Morais (n. 1948), testemuñados polos traballos expostos, por primeira vez, en reproducións de gran calidade: 9 dos 10 deseños concibidos pola artista para a segunda edición, esgotada hai moito tempo, do libro *O Ano de 1993* (1987); e o retrato do escritor, inédito, executado algún tempo despois do seu falecemento.

O público é recibido polo rostro sereno, pensativo e interpelador de José Saramago, eternizado por Graça Morais nun retrato marcado pola estruturación das faccións a través de pinceladas vigorosas e manchas de suaves contrastes cromáticos. Esta obra constitúe o exemplo dunha práctica retratística que se pauta polo compromiso entre o rexistro das calidades fisionómicas do individuo retratado e a captación de impresións máis subxectivas que remiten para aspectos psicolóxicos individuais, mais que permiten reflectir, dun modo máis xenérico, sobre a natureza humana.

Nacida nunha pequena poboación do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formouse en Pintura no Porto, pasou por París e acabou por asentarse en Lisboa na década de 1980, aínda que sempre mantivo un vínculo profundo coa súa aldea. O seu universo pictórico reflicte estas dinámicas, sobre todo a través dunha consciente reivindicación das súas orixes, formalizada a través de referencias directas á súa terra e á súa xente, un mundo de mulleres e de homes que soubo abordar a partir de dentro. Por outro lado, hai na súa obra un sentido universal que transcende estas evocacións matriciais e locais, relacionado coas ancoraxes da pintora á historia da arte e á literatura, cos estímulos que recibe de acontecementos máis globais e coas súas motivacións e reflexións máis íntimas.

Graça Morais interessa-se essencialmente pelo ser humano e a sua condição no mundo e, por isso, não hesita em abordar explicitamente no seu trabalho alguns dos maiores dramas contemporâneos (as guerras, os conflitos territoriais, étnicos, religiosos, políticos, a desigualdade de géneros), numa dinâmica que envolve o observador e, principalmente, o questiona. Terá sido esta profunda sensibilidade que levou José Saramago a desafiar a pintora a conceber os desenhos que viriam a ser publicados na segunda edição do livro *O Ano de 1993*, estimulando assim um encontro entre dois mundos – o da escrita e o da pintura – que "não só se encontraram e reconheceram, como, assim o creio, se identificaram" (Saramago, 2002, 4).

O Ano de 1993 é um poema filosófico estruturado a partir da compilação de trinta textos alegóricos em prosa poética. O primeiro poema foi escrito em março de 1974, em resposta a uma tentativa falhada de um levantamento militar que visava pôr fim ao regime ditatorial português. A obra foi concluída e publicada em 1975, já depois da Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974) e num contexto de incerteza do rumo que iria ser tomado pela nova democracia. Daí a construção de uma narrativa não-linear que referencia a repressão sobre a sociedade, a resistência, a violência revolucionária e, sempre, o desejo de liberdade e a esperança.

Graça Morais produziu uma série de dez desenhos que estabelecem um jogo com a natureza fragmentária da narrativa saramaguiana. Assentes numa base comum de representação figurativa, estes trabalhos revelam abordagens diversificadas na exploração dos recursos pictóricos, nomeadamente a sobreposição de elementos, o tratamento expressivo da linha, da mancha, das texturas e da cor, o jogo entre a unidade e a compartimentação da superfície em cenas distintas. Esta heterogeneidade pictural, que é reforçada pela diversidade dos materiais utilizados (grafite, aguarela, sépia e tinta-da-china sobre papel), enfatiza a qualidade polissémica da relação dos desenhos (em conjunto ou autonomamente) com o texto e com o público leitor/observador.

As composições de Graça Morais apresentam-nos figuras e ambientes que referenciam a

Graça Morais interésase esencialmente polo ser humano e a súa condición no mundo e, por iso, non dubida en abordar explicitamente no seu traballo algúns dos maiores dramas contemporáneos (as guerras, os conflitos territoriais, étnicos, relixiosos, políticos, a desigualdade de xénero), nunha dinámica que envolve ao observador e, principalmente, o cuestiona. Igual foi esta profunda sensibilidade a que levou a José Saramago a desafiar á pintora a concibir os deseños que se publicarían na segunda edición do libro *O Ano de 1993*, estimulando así un encontro entre dous mundos – o da escrita e o da pintura – que "não só se encontraram e reconheceram, como, assim o creio, se identificaram" (Saramago, 2002, 4).

O Ano de 1993 é un poema filosófico estruturado a partir da compilación de trinta textos alegóricos en prosa poética. O primeiro poema foi escrito en marzo de 1974, en resposta a unha tentativa falida de levantamento militar que visaba por fin ao réxime ditatorial portugués. A obra foi concluída e publicada en 1975, despois da Revolución dos Caraveis (25 de Abril de 1974) e nun contexto de incerteza do rumbo que iría ser tomado pola nova democracia. De aí a construción dunha narrativa non-linear que referencia a represión sobre a sociedade, a resistencia, a violencia revolucionaria e, simultaneamente, o desexo de liberdade e a esperanza.

Graça Morais produciu unha serie de dez deseños que establecen un xogo coa natureza fragmentaria da narrativa saramaguiana. Asentados nunha base común de representación figurativa, estes traballos revelan abordaxes diversificadas na exploración dos recursos pictóricos, principalmente a superposición de elementos, o tratamento expresivo da liña, da mancha, das texturas e da cor, o xogo entre a unidade e a división da superficie en escenas distintas. Esta heteroxeneidade pictórica, que se reforza pola diversidade dos materiais utilizados (grafite, acuarela, sepia e tinta chinesa sobre papel), salienta a calidade polisémica da relación dos deseños (en conxunto ou autonomamente) co texto e co público lector/observador.

As composicións de Graça Morais preséntannos figuras e ambientes que referencian a guerra e a

guerra e a violência, o brutalismo sexual e o erotismo, encontrando correspondência nos textos de José Saramago. Contudo, a pintora recusou a ilustração direta, antes optando por (re)criar segmentos daquele universo onírico e poético, ampliando assim o seu valor estético e poético. Convocando as suas próprias indagações em torno do mistério e da fragilidade do ser humano, a artista completou a intenção político-igualitária do texto, tornando as alegorias do texto mais nítidas e, ao mesmo tempo, mais expressivas e complexas.

Consciente de como a comunhão entre o seu texto e o trabalho artístico de Graça Morais resultaram num novo conjunto interartístico, José Saramago quis que, na publicação, o nome da artista aparecesse em pé de igualdade com o seu. Nesta exposição recordamos este encontro poético entre a palavra escrita e a imagem, entre duas grandes personalidades cujas obras fecundas têm, sempre, o poder de nos interpelar.

violencia, o brutalismo sexual e o erotismo, encontrando correspondencia nos textos de José Saramago. Con todo, a pintora evitou a ilustración directa, optando por (re)crear segmentos daquel universo onírico e poético, ampliando así o seu valor estético e poético. Convocando as súas propias indagacións arredor do misterio e da fraxilidade do ser humano, a artista completou a intención político-igualitaria do texto, tornando as alegorías do texto máis nítidas e, ao mesmo tempo, máis expresivas e complexas.

Consciente de como a comuñón entre o seu texto e o traballo artístico de Graça Morais resultaron nun novo conxunto interartístico, José Saramago quixo que, na publicación, o nome da artista aparecese en pé de igualdade co seu. Nesta exposición recordamos este encontro poético entre a palabra escrita e a imaxe, entre dúas grandes personalidades cuxas obras fecundas teñen, sempre, o poder de interpelarnos.

REFERÊNCIAS

Baltrusch, Burghard. 2020. «'A arte é o que fica na história'. *O Ano de 1993* de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais». *Bulletin of Hispanic Studies* 97:7, https://doi.org/10.3828/bhs.2020.44.

Saramago, José. 2002. [Sem título], *As personagens de José Saramago nas artes*. Cat. exposição. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal.

REFERENCIAS

Baltrusch, Burghard. 2020. «'A arte é o que fica na história'. *O Ano de 1993* de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais». *Bulletin of Hispanic Studies* 97:7, https://doi.org/10.3828/bhs.2020.44.

Saramago, José. 2002. [Sen título], *As personagens de José Saramago nas artes*. Cat. exposición. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal.

BIOGRAFIAS
BIOGRAFÍAS

Graça Morais, 1991 [detalhe/detalle] © Foto Roberto Santandreu. Cortesia/Cortesía da Artista

Graça Morais

Nascida em 1948 num pequeno povoado do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formou-se em Pintura no Porto, passou por Paris, e acabou por se sediar em Lisboa na década de 1980. A pintora sempre manteve um forte vínculo com a sua aldeia natal, e todo o seu universo pictórico desenvolve-se em torno de uma consciente reivindicação das suas origens. Por outro

Graça Morais

Nacida en 1948 nun pequeno poboación do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formouse en Pintura no Porto, pasou por París e acabou por asentarse en Lisboa na década de 1980. A pintora sempre mantivo un forte vínculo coa súa aldea natal e todo o seu universo pictórico desenvólvese en torno dunha reivindicación consciente das súas orixes. Por outro lado, hai na súa obra un

lado, há na sua obra um sentido universal que transcende estas evocações matriciais e locais, sediado na observação do ser humano e da sua condição no mundo, numa dinâmica que envolve o observador e, principalmente, o questiona.

Entre 1974 e a atualidade, Graça Morais realizou e participou em mais de duas centenas de exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro, estando representada nos acervos dos principais museus, fundações e coleções públicas e privadas do país. Concebeu projetos de cenografia teatral, realizou ilustrações e trabalhos colaborativos com escritores, e é autora de numerosas intervenções em espaços públicos.

Em 1997, recebeu o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Recentemente, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Governo português (2019), foi homenageada na Nouvelle Sorbonne, em Paris, com uma jornada de estudos sobre a sua obra (2021), e foi distinguida com o Doutoramento *Honoris Causa* atribuído pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2022).

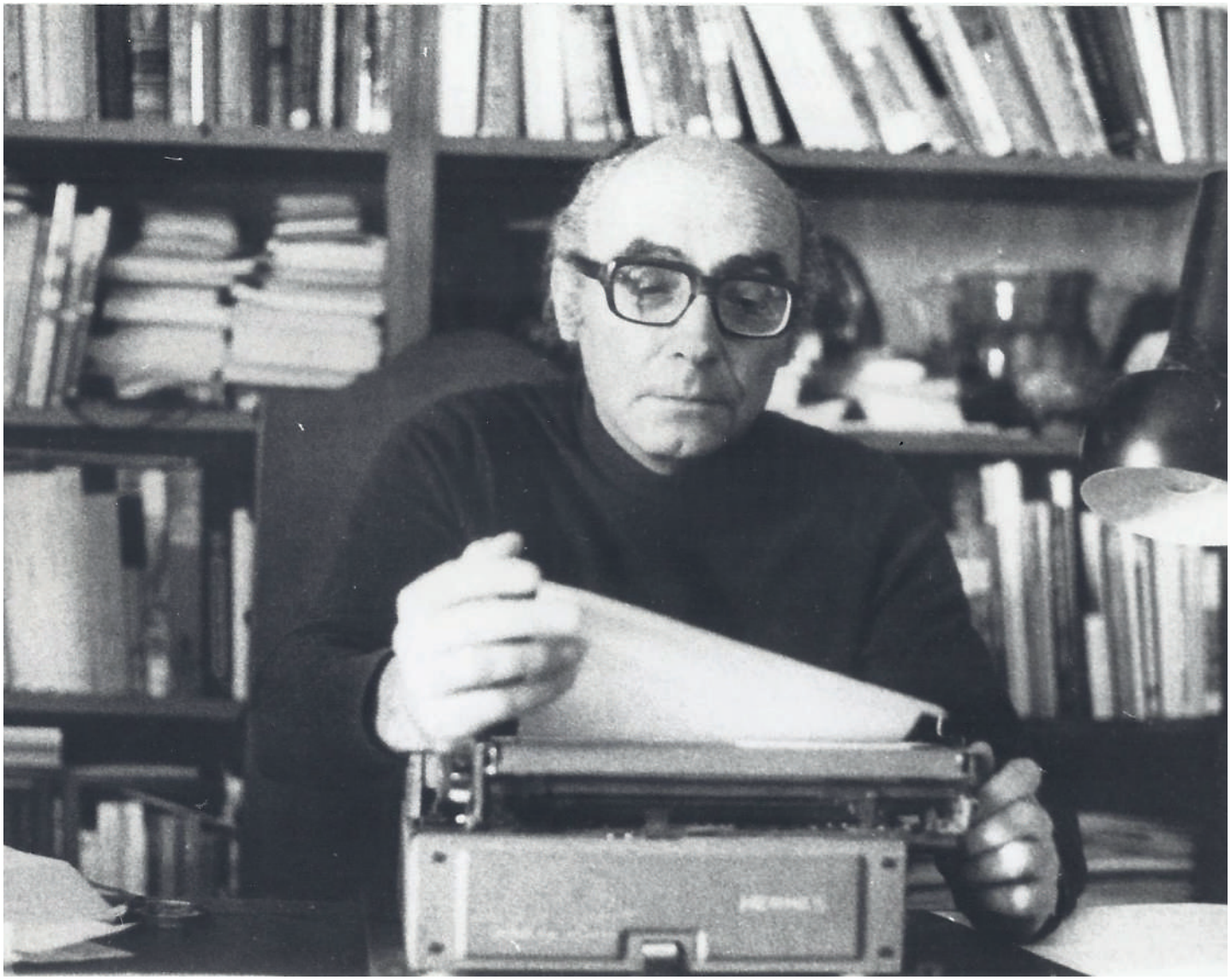
O seu trabalho é apresentado com regularidade em Bragança, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM), instituição que desde 2008 organiza de forma permanente e continuada exposições relacionadas com as diferentes temáticas e fases da sua produção. A pintora é também a figura tutelar do Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais (LAM-GM), criado em 2018 com o objetivo de promover atividades de ensino e investigação baseadas na prática das artes, e de estimular novas centralidades de intervenção científica e cultural, com base na inventariação, documentação e estudo da sua obra.

sentido universal que transcende estas evocacións matriciais e locais, asentado na observación do ser humano e da súa condición no mundo, nunha dinámica que envolve ao observador e, principalmente, o cuestiona.

Entre 1974 e a actualidade, Graça Morais realizou e participou en máis de dúas centenas de exposicións individuais e colectivas, en Portugal e no estranxeiro, estando representada nos acervos dos principais museos, fundacións e colecciónspúblicas e privadas do país. Concibiu proxectos de escenografía teatral, realizou ilustracións e traballos colaborativos con escritores e é autora de numerosas intervencións en espazos públicos.

En 1997, recibiu o Grao de Gran Oficial da Orde do Infante D. Henrique. Recentemente, recibiu a Medalla de Mérito Cultural do Goberno portugués (2019), foi homenaxeada na Sorbonne Nouvelle, en París, cunha xornada de estudos sobre a súa obra (2021) e foi distinguida co Doutoramento *Honoris Causa* atribuído pola Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2022).

O seu traballo é presentado con regularidade en Bragança, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM), institución que desde 2008 organiza de forma permanente e continuada exposicións relacionadas coas diferentes temáticas e fases da súa produción. A pintora é tamén a figura tutelar do Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais (LAM-GM), creado en 2018 co obxectivo de promover actividades de ensino e investigación baseadas na práctica das artes e de estimular novas centralidades de intervención científica e cultural, con base no inventariado, documentación e estudo da súa obra.



José Saramago, anos 70 © Arquivo FJS/Direitos Reservados

José Saramago

Filho e neto de camponeses, José Saramago nasceu na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, se bem que o registo oficial mencione como data de nascimento o dia 18. Os seus pais emigraram para Lisboa quando ele não havia ainda completado dois anos. A maior parte da sua vida decorreu, portanto, na capital, embora até aos primeiros

José Saramago

Fillo e neto de campesiños, José Saramago naceu na aldea de Azinhaga, provincia do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, aínda que o rexistro oficial mencione como data de nacemento o día 18. Os seus pais emigraron para Lisboa cando el non fixera aínda os dous anos. A maior parte da súa vida transcorreu, polo tanto, na capital, malia que as súas estadías na aldea natal foron numero-

anos da idade adulta fossem numerosas, e por vezes prolongadas, as suas estadas na aldeia natal.

Fez estudos secundários (liceais e técnicos) que, por dificuldades económicas, não pôde prosseguir. O seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. Publicou o seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar (até 1966). Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova*. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, tendo também coordenado, durante cerca de um ano, o suplemento cultural daquele vespertino.

Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Casou com Pilar del Río em 1988 e em fevereiro de 1993 decidiu repartir o seu tempo entre a sua residência habitual em Lisboa e a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias (Espanha). Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura.

José Saramago faleceu a 18 de junho de 2010.

sas, e por veces prolongadas, ata os primeiros anos da idade adulta.

Cursou estudos secundarios que, por dificultades económicas, non puido concluír. O seu primeiro emprego foi como cerralleiro mecánico, para logo exercer diversas profesións: deseñador, funcionario da saúde e da seguridade social portuguesa, tradutor, editor, xornalista. Publicou o seu primeiro libro, unha novela, *Terra do Pecado*, en 1947 e estivo despois un longo tempo sen publicar (ata 1966). Traballou durante doce anos nunha editora, onde exerceu funcións de dirección literaria e de produción. Colaborou como crítico literario na revista *Seara Nova*. En 1972 e 1973 formou parte da redacción do xornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, coordinando tamén, durante cerca dun ano, o suplemento cultural daquel vespertino.

Pertenceu á primeira Dirección da Asociación Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi director-adxunto do xornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 pasou a vivir exclusivamente do seu traballo literario, primeiro como tradutor, despois como autor. Casou con Pilar del Río en 1988 e en febreiro de 1993 decidiu repartir o seu tempo entre a súa residencia habitual en Lisboa e a illa de Lanzarote, no arquipélago das Canarias (España). En 1998 foille atribuído o Premio Nobel de Literatura.

José Saramago faleceu o 18 de xuño de 2010.

CATÁLOGO

O ANO DE 1993 – AS ILUSTRAÇÕES
O ANO DE 1993 – AS ILUSTRACIÓNS

Na exposição foram exibidas reproduções das obras originais, aprovadas pela Artista. Impressões giclée em papel Canson Velin Museum Rag.
Na exposición presentáronse reproducións das obras orixinais, aprobadas pola Artista. Impresións giclée en papel Canson Velin Museum Rag.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 1], 1987**

O quadro original foi oferecido pela artista a José Saramago por ocasião da edição do livro. Não foi possível verificar as características técnicas e dimensões.

O cadro orixinal foi ofrecido pola artista a José Saramago coa ocasión da edición do libro. Non foi posible verificar as características técnicas nin as dimensións.

Poema 1

O primeiro poema foi escrito em resposta ao falhado levantamento militar de 16 de março de 1974, prelúdio da Revolução dos Cravos que, no mês seguinte, viria a pôr fim à ditadura. A angústia do autor face à opressão do regime reflete-se na descrição de uma paisagem desoladora, num tempo suspenso (uma «paisagem de Dali com as sombras muito recortadas por causa de um sol que diremos parado»), e na evocação das serenas e lentas ações das personagens que a povoam.

Graça Morais interpreta a justaposição dos discursos poético, histórico e artístico, compondo um cenário habitado que se desenvolve pelos vários planos pictóricos: em primeiro plano, destacam-se as duas figuras – uma mulher, um homem – em aparente diálogo; no segundo plano, a personagem que «vai riscando no chão uns traços enigmáticos»; ao fundo, uma silhueta, prenunciando outras presenças humanas. Em termos compositivos, importa destacar os jogos lumínicos, nomeadamente o tratamento expressivo das sombras, em contraste com os tons claros das figuras, quase fantasmáticas.

Mais do que ilustração, este desenho constitui uma revisitação crítica da estética daliniana e surrealista que, seja no texto ou no quadro, fica reduzida a um pretexto, à alegoria de um violento pesadelo.

Poema 1

O primeiro poema foi escrito en resposta ao frustrado levantamento militar do 16 de marzo de 1974, preludio da Revolución dos Caraveis que, no mes seguinte, viría pór fin á ditadura. A angustia do autor fronte á opresión do réxime reflíctese na descrición dunha paisaxe desoladora, nun tempo suspendido (unha «paisagem de Dali com as sombras muito recortadas por causa de um sol que diremos parado»), e na evocación das sereas e lentas accións das personaxes que a poboan.

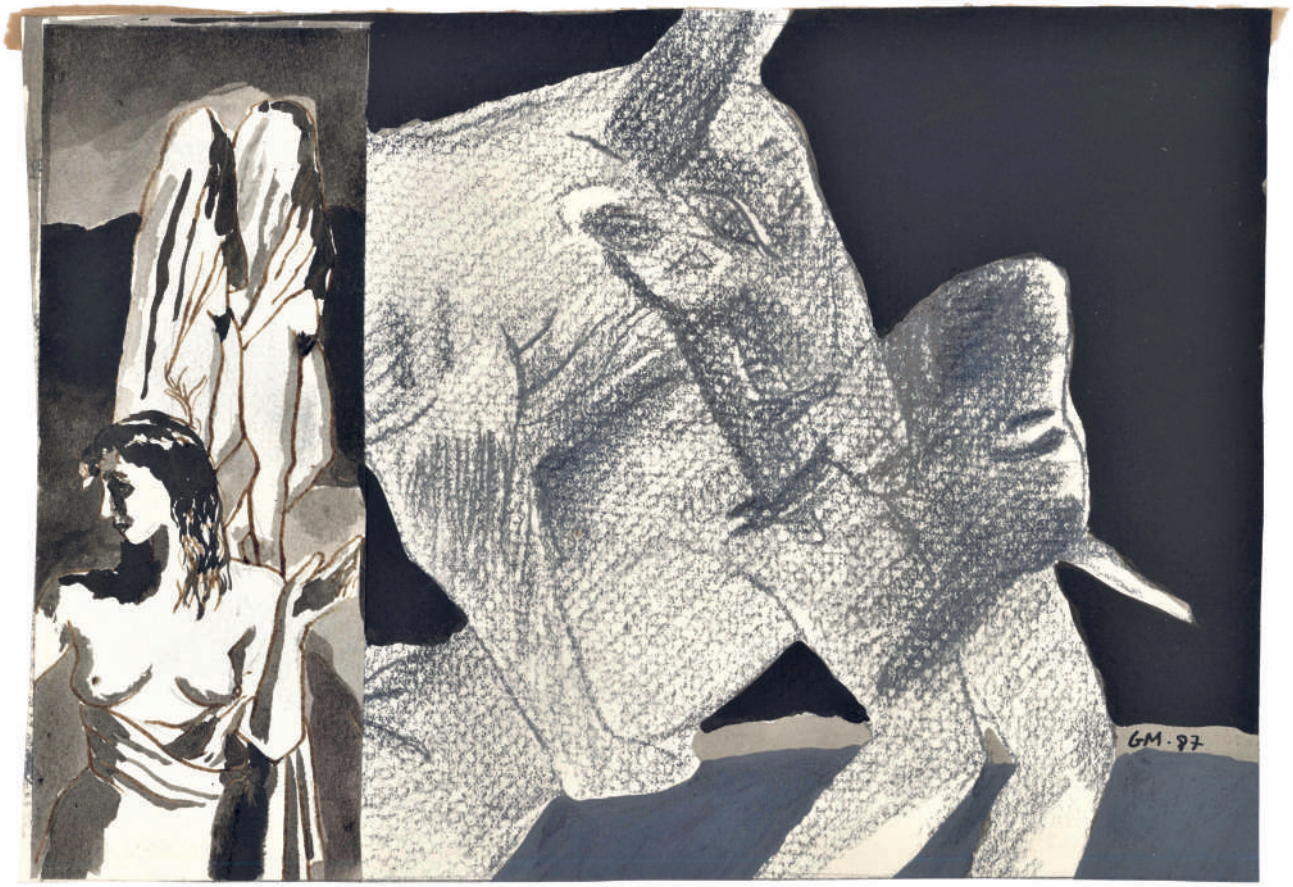
Graça Morais interpreta a xustaposición dos discursos poético, histórico e artístico, compondo un escenario habitado que se desenvolve nos diferentes planos pictóricos: en primeiro plano, salientan as dúas figuras – unha muller, un home – en aparente diálogo; no segundo plano, a personaxe que «vai riscando no chão uns traços enigmáticos»; ao fondo, unha silueta, profetizando outras presenzas humanas. En termos compositivos, importa destacar os xogos luminosos, principalmente o tratamento expresivo das sombras, en contraste cos tons claros das figuras, case fantasmagóricas.

Máis ca unha ilustración, este deseño constitúe unha revisión crítica da estética daliniana e surrealista que, sexa no texto ou no cadro, queda reducida a un pretexto, á alegoría dun violento pesadelo.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 6], 1987**

Aguarela, carvão, sépia, tinta-da-china
e colagem sobre papel
14,9 x 21 cm
Col. da Artista

Acuarela, carbón, sepia, tinta chinesa
e colaxe sobre papel
14,9 x 21 cm
Col. da Artista



Poema 6

Grupos de pessoas redescobrem a cidade abandonada, vagueando pelas ruas ladeadas de estátuas «incrivelmente brancas mas a que os jogos das luzes e das sombras alternadas fazem mover os membros e as feições».
Graça Morais capta esta ambiência, destacando a ambiguidade do corpo-vivo vs. corpo-estátua através da representação classicista das figuras femininas que surgem no lado esquerdo da composição: em segundo plano, num movimento contido, dois corpos com as cabeças ocultas, cortadas, evocando os horrores da perseguição; no plano principal, uma mulher indica o caminho, orientando o grupo que regressa à cidade.
A metáfora visual é reforçada pela estrutura dicotómica da composição e pela cena que se desenvolve na secção esquerda, em que se destacam duas figuras que parecem minotauros, travando uma batalha mortal, mas que também poderia ser vista tanto como uma violação ou uma copulação – como se fosse um mito a tentar destruir o outro, um presságio ou lembrança da brutalidade de uma guerra tanto literal como ideológica, de civilização e barbárie, mas também de uma histórica violência de género.

Poema 6

Grupos de persoas redescubren a cidade abandonada, vagueando polas rúas ladeadas de estatua «incrivelmente brancas mas a que os jogos das luzes e das sombras alternadas fazem mover os membros e as feições».
Graça Morais capta este ambiente, destacando a ambigüidade do corpo-vivo vs. corpo-estatua a través da representación clasicista das figuras femininas que xorden no lado esquerdo da composición: en segundo plano, nun movemento contido, dous corpos coas cabezas ocultas, cortadas, evocando os horrores da persecución; no plano principal, unha muller indica o camiño, orientando o grupo que regresa á cidade.
A metáfora visual é reforzada pola estrutura dicotómica da composición e pola escena que se desenvolve na sección esquerda, na que destacan dúas figuras que parecen minotauros, trabando unha batalla mortal, pero que tamén podería ser vista como unha violación ou unha cópula – como se fose un mito a tentar destruír o outro, un presaxio ou lembranza da brutalidade dunha guerra tanto literal como ideolóxica, de civilización e barbarie, mais tamén dunha histórica violencia de xénero.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 7], 1987**

Aguarela, sépia, tinta-da-china
e colagem sobre papel
15 x 19 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia, tinta chinesa e colaxe
sobre papel
15 x 19 cm
Col. da Artista

Poema 7

Este desenho alude ao cenário de magia negra convocado pelo texto, centrado no malévolo par feiticeiro-comandante. Graça Morais referencia o momento em que os habitantes, após serem flagelados, questionam «que sinais são aqueles de chicotadas na cara / Quando tão seguros estão de que ninguém os chicoteou nem tal consentiram».

A mulher olha o homem com espanto e raiva, enquanto este apresenta uma expressão enlouquecida. Ambos têm os rostos fustigados e ensanguentados, adivinhando-se uma tez escura que remete para a história da escravidão e, em termos mais genéricos, para as histórias de guerras e de repressão.

A representação de um casal remete alegoricamente para díades conceptuais históricas ligadas a contextos totalitários e reacionários, como "manipulação-repressão" ou, mais concretamente na origem do livro, "PIDE-Ditadura", "Igreja-Estado" ou "metrópole-colónia".

Poema 7

Este deseño alude ao escenario de maxia negra evocado no texto, centrado no malévolo par do feiticeiro comandante. Graça Morais referencia o momento en que os habitantes, despois de ser flaxelados, cuestionan «que sinais são aqueles de chicotadas na cara / Quando tão seguros estão de que ninguém os chicoteou nem tal consentiram».

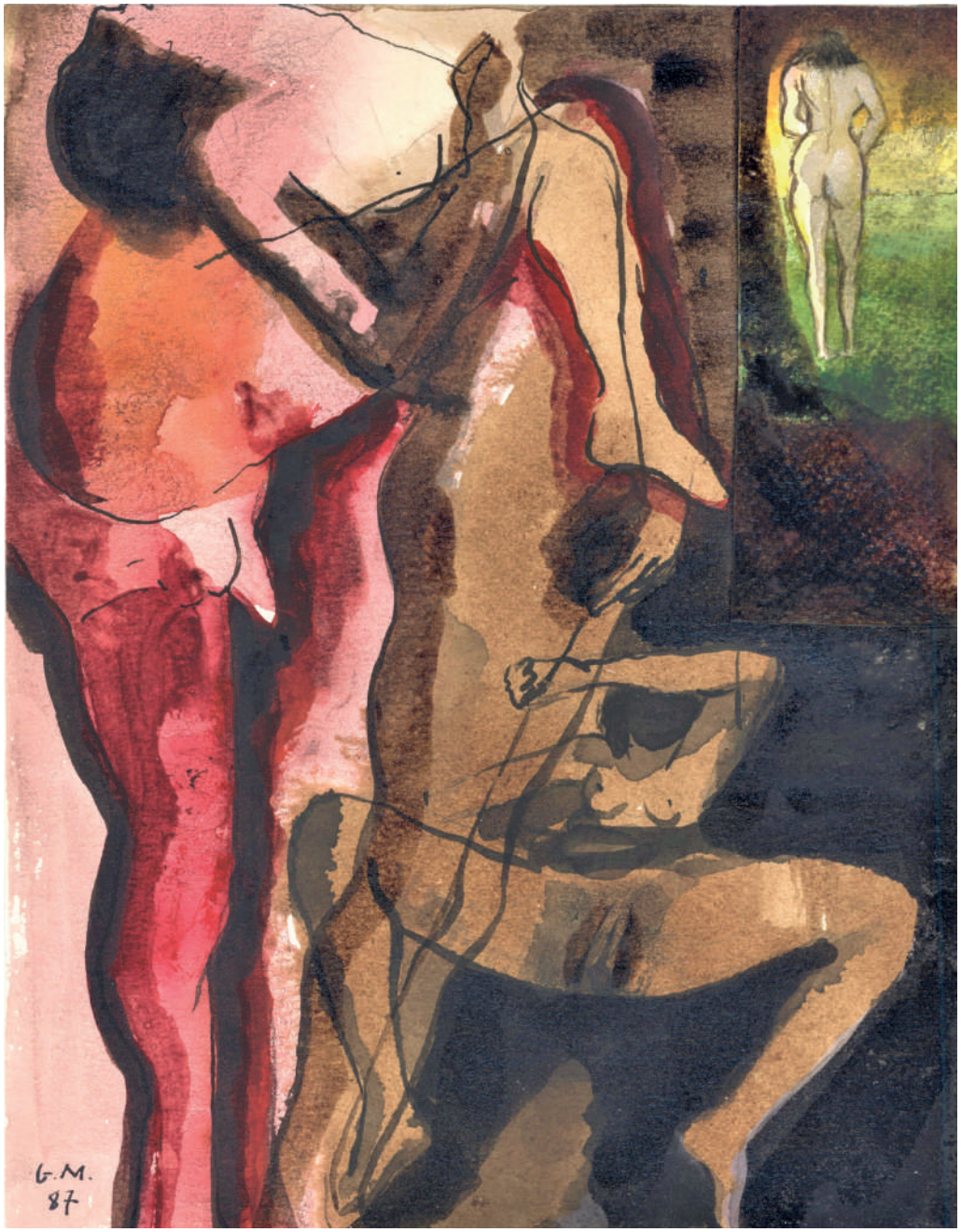
A muller mira ao home con sorpresa e rabia, mentres que este presenta unha expresión enlouquecida. Ambos teñen os rostros azoutados e ensanguentados, adiviñándose unha pel escura que remite para a historia da escravitude e, en termos máis xenéricos, para as historias de guerras e de represión.

A representación dunha parella remite alegoricamente para díades conceptuais históricas ligadas a contextos totalitarios e reaccionarios, como "manipulación-represión" ou, máis concretamente na orixe do libro, "PIDE-Ditadura", "Igrexa-Estado" ou "metrópole-colonia".

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 8], 1987**

Aguarela, sépia, tinta-da-china
e colagem sobre papel
18,8 x 14,7 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia, tinta chinesa
e colaxe sobre papel
18,8 x 14,7 cm
Col. da Artista



Poema 8

Poema onde se narram as atrocidades cometidas sobre as mulheres e o efeito psicológico que desencadeará um inesperado contra-ataque. O que aqui sobressai é o mito da *vagina dentata* e a sucessão de acontecimentos que resultarão numa mensagem clara de empoderamento da mulher: «os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas / Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados».

Graça Morais optou por uma sobreposição de cenários que só insinuam o motivo da desmembração, apresentando ao observador uma composição que joga com a ambiguidade entre a violência sexual e um certo erotismo. O dramatismo da cena é enfatizado pelo facto de não haver qualquer rosto associado aos vários corpos femininos, mantendo anónima a protagonista, que reaparecerá no vigésimo quinto poema e na sua respetiva ilustração.

A técnica da aguarela sublinha a ideia do descontrolo e do sobressaltado decorrer da ação, elemento igualmente reforçado pela paleta cromática viva e contrastante, e pelo tratamento expressivo das sombras e dos contornos.

Poema 8

Poema onde se narran as atrocidades cometidas sobre as mulleres e o efecto psicolóxico que desencadeará un inesperado contraataque. O que aquí sobresae é o mito da *vagina dentata* e a sucesión de acontecementos que resultarán nunha mensaxe clara de empoderamento da muller: «os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas / Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados».

Graça Morais optou por unha superposición de escenarios que só insinúan o motivo da desmembración, presentando ao observador unha composición que xoga coa ambigüidade entre a violencia sexual e un certo erotismo. O dramatismo da escena está salientado polo feito de non haber ningún rostro asociado aos diferentes corpos femininos, mantendo anónima a protagonista, que reaparecerá no vixésimo quinto poema e na súa respectiva ilustración.

A técnica da acuarela subliña a idea do descontrol e do sobresaltado transcorrer da acción, elemento igualmente reforzado pola paleta cromática viva e contrastante e polo tratamento expresivo das sombras e dos contornos.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 11], 1987**

Aguarela, sépia e tinta-da-china
sobre papel
14,7 x 20,8 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia e tinta chinesa
sobre papel
14,7 x 20,8 cm
Col. da Artista

Poema 11

Este desenho referencia o surgimento da esfera de mercúrio que se multiplicará, infinitamente, e da violência psicológica que impõe – um «olho de vigilância individual, o olho que não dorme nunca».

Graça Morais aborda o olho orwelliano através da representação de um rosto escuro e sem feições, quase semi-máscara, reforçando a ideia da omnipresença de um Big Brother, ou sistema de inteligência artifical, que controla todas as esferas da vida humana, incluindo a capacidade de resistência físico-psicológica da população.

Na narrativa saramaguiana esta ideia de controlo fracassa quando, devido à falta de mercúrio, as mães passam a medir a febre das crianças com a mão – um gesto tão profundamente humano que falseia os dados que o computador recolhe. Graça Morais alude à humanidade e à contraposição entre natureza e tecnologia através da figura que assume a posição clássica do pensador, destacando assim o teor subversivo e de resistência que atravessa todo o poema.

Poema 11

Este deseño referencia o xurdimento da esfera de mercurio que se multiplicará infinitamente e da violencia psicolóxica que impón – un «olho de vigilância individual, o olho que não dorme nunca».

Graça Morais aborda o ollo orwelliano a través da representación dun rostro escuro e sen faccións, case semi-máscara, reforzando a idea da omnipresenza dun Big Brother, ou sistema de intelixencia artificial, que controla todas as esferas da vida humana, incluíndo a capacidade de resistencia físico-psicolóxica da poboación.

Na narrativa saramaguiana esta idea de control fracasa cando, debido á falta de mercurio, as nais pasan a medir a febre das criaturas coa man – un xesto tan profundamente humano que falsea os datos que o computador recolle. Graça Morais alude á humanidade e á contraposición entre natureza e tecnoloxía a través da figura que asume a posición clásica do pensador, destacando así o teor subversivo e de resistencia que atravesa todo o poema.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 18], 1987**

Aguarela, sépia e tinta-da-china sobre papel
20,8 x 14,7 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia e tinta chinesa sobre papel
20,8 x 14,7 cm
Col. da Artista

Poema 18

Este desenho evoca a luta entre luz e sombra, a história da disputa pela reconquista do fogo perdido da luz do sol, e da personagem prometeica do homem que a trouxe na sua própria mão, automutilando-se.
Graça Morais inclui também nesta composição referência às bestas mecânicas com que os ocupantes da cidade perseguiam a população. Contudo, a sua representação é feita de uma forma natural, anulando qualquer referência à máquina ou à artificialidade e enfatizando a sua própria mortalidade, numa antecipação da morte destes animais-cyborg, que só ocorrerá no vigésimo quarto poema.
Graça Morais independentiza-se da estrutura do texto poético, criando linhas narrativas próprias. A fusão da metáfora prometeica com a ideia do soldado animal-cyborg, enunciada pelos jogos de sobreposição das figuras na composição, cria um espaço estético, de narração e de reflexão que transcendem o poema.

Poema 18

Este deseño evoca a loita entre luz e sombra, a historia da disputa pola reconquista do fogo perdido da luz do sol e do personaxe prometeico do home que a trouxo na súa propia man, automutilándose.
Graça Morais inclúe tamén nesta composición referencia ás bestas mecánicas coas que os ocupantes da cidade perseguían á poboación. Con todo, a súa representación é feita dunha forma natural, anulando calquera referencia á máquina ou á artificialidade e salientando a súa propia mortalidade, nunha anticipación da morte destes animais-cyborg, que só ocorrerá no vixésimo cuarto poema.
Graça Morais independízase da estrutura do texto poético, creando liñas narrativas propias. A fusión da metáfora prometeica coa idea do soldado animal-cyborg, enunciada polos xogos de superposición das figuras na composición, crea un espazo estético, de narración e de reflexión que transcenden o poema.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 24], 1987**

Carvão, sépia, tinta da china e colagem
sobre papel
14,8 x 19 cm
Col. da Artista

Carbón, sepia, tinta chinesa e colaxe
sobre papel
14,8 x 19 cm
Col. da Artista

Poema 24

A narrativa saramaguiana aborda, aqui, a tensão entre a tecnologia opressora e a natureza tribal, um confronto épico dos contrários que a narrativa poética do texto transforma em luta épico-heroica.
Graça Morais capta essa tensão, optando por focar um momento de profunda humanidade: quando os homens se unem e registam os acontecimentos nas paredes de uma gruta, após o que se auto-retratam, marcando no seu peito «o lugar que deve ocupar um coração vivo».
Este desenho assume um significado identitário, estabelecendo uma relação auto-referencial com a própria pintora e com o autor do texto, através da representação da mão segurando um lápis que atravessa quase a totalidade da composição, e que enfatiza a transversalidade entre o poético da escrita e da pintura.

Poema 24

A narrativa saramaguiana aborda, aquí, a tensión entre a tecnoloxía opresora e a natureza tribal, un enfrontamento épico dos contrarios que a narrativa poética do texto transforma en loita épico-heroica.
Graça Morais capta esa tensión, optando por focalizar un momento de profunda humanidade: cando os homes se unen e rexistran os acontecementos nas paredes dunha gruta, despois do que se auto-retratan, marcando no seu peito «o lugar que deve ocupar um coração vivo».
Este deseño asume un significado identitario, establecendo unha relación auto-referencial coa propia pintora e co autor do texto, a través da representación da man sostendo un lapis que atravesa case a totalidade da composición, e que salienta a transversalidade entre o poético da escrita e da pintura.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 25], 1987**

Aguarela, sépia, tinta da china
e colagem sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia, tinta chinesa e colaxe
sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Poema 25

O poema fala da redescoberta de práticas ancestrais de fecundidade que ligam a mulher à natureza. A ação é marcada pelo ritual de aspersão do sangue menstrual no campo, através dos qual a tribo pretende colmatar a falta de nascimentos, uma vez que a guerra tinha acabado com a fertilidade das mulheres.

Esta composição condensa a complexidade dos acontecimentos em dois cenários concretos. No lado direito é representado um momento de cópula sob as ervas do campo fertilizado pelo sangue da menstruação. A face do homem é deliberadamente colocada na sombra, enfatizando a mensagem simbólica da cena: o poder de fecundar associado não ao elemento masculino mas à natureza, por sua vez identificada com o feminino.

No plano esquerdo, surge a figura de uma mulher grávida. Esta é a mesma personagem que tinha vido vítima de violação e que castrara o seu violador, com cujo membro desapareceu na planície (Poema 8). Porém, Graça Morais representa-a agora o rosto nitidamente visível, retirando-a do anonimato e assim destacando o seu papel na narrativa. As feições misturam rasgos europeus, africanos e asiáticos, conferindo à mensagem sociopolítica do poema um valor ainda mais universal, interétnico e transcultural.

Poema 25

O poema fala da redescuberta de prácticas ancestrais de fecundidade que unen a muller á natureza. A acción vén marcada polo ritual de aspersión do sangue menstrual no campo, a través do cal a tribo pretende solucionar a falta de nacementos, unha vez que a guerra acabara coa fertilidade das mulleres.

Esta composición condensa a complexidade dos acontecementos en dous escenarios concretos. No lado dereito represéntase un momento de cópula sobre as herbas do campo fertilizado polo sangue da menstruación. A cara do home é deliberadamente colocada na sombra, salientando a mensaxe simbólica da escena: o poder de fecundar asociado non ao elemento masculino senón á natureza, á súa vez identificada co feminino.

No plano esquerdo, xorde a figura dunha muller embarazada. Esta é a mesma personaxe que viñera tras ser vítima de violación e que castrara ao seu violador, con cuxo membro desapareceu na planicie (Poema 8). Porén, Graça Morais represéntaa agora co rostro nitidamente visible, retirándoa do anonimato e así destacando o seu papel na narrativa. As faccións mesturan trazos europeos, africanos e asiáticos, outorgando á mensaxe sociopolítica do poema un valor aínda máis universal, interétnico e transcultural.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 29], 1987**

Aguarela, sépia e tinta-da-china sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia e tinta chinesa sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Poema 29

Este poema evoca a reconquista da liberdade, alegoricamente celebrada pelo surgimento de «um enorme arco-íris que não se desvaneceu nem quando o sol se pôs». A interpretação de Graça Morais evita o que é excessivamente óbvio, destacando-se o facto de a artista ter colocado o arco-íris na base do desenho. Esta inversão de céu e terra alude à ideia da utopia cumprida.

No topo, surgem as carcaças dos animais mecânicos, aqui adquirindo forte significação: a serpente dominada pela águia ilustra os «julgamentos dos invasores», mencionados no poema 28. O rinoceronte, motivo comum na arte pré-histórica, evoca as primeiras sociedades humanas, a história do ser humano. A representação deste animal, que não é mencionado em todo o texto, é uma interessante adição da artista, que deste modo reforça a sua abordagem ao tema central deste ciclo poético: um reinício forçado da evolução humana, através de um percurso imposto à tribo descendente da população que foi expulsa da cidade, e que teve de reaprender a sua humanidade.

Poema 29

Este poema evoca a reconquista da liberdade, alegoricamente celebrada polo xurdimento de «um enorme arco-íris que não se desvaneceu nem quando o sol se pôs». A interpretación de Graça Morais evita o que é excesivamente obvio, destacando o feito de que a artista colocou o arco da vella na base do deseño. Esta inversión do ceo e a terra alude á idea da utopía cumprida.

Na parte alta, xorden os esqueletos dos animais mecánicos, aquí adquirindo forte significación: a serpe dominada pola aguia ilustra os «julgamentos dos invasores», mencionados no poema 28. O rinoceronte, motivo común na arte prehistórica, evoca as primeiras sociedades humanas, a historia do ser humano. A representación deste animal, que non é mencionado en ningunha parte do texto, é un interesante engadido da artista, que deste modo reforza a súa abordaxe ao tema central deste ciclo poético: un reinicio forzado da evolución humana, a través dun percorrido imposto á tribo descendente da poboación que foi expulsada da cidade, e que tivo que reaprender a súa humanidade.

Graça Morais
***O Ano de 1993* [Poema 30], 1987**

Aguarela, sépia e tinta da china sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Acuarela, sepia e tinta chinesa sobre papel
22,8 x 29,1 cm
Col. da Artista

Poema 30

O último poema recapitula a condição cíclica da história, entre guerra e paz, barbárie e civilização, sem um sentido ou uma essência inequívocos. Graça Morais dialoga de uma forma profunda com o texto, centrando a atenção na ideia da «criança objectiva [que] se aproxima e estende as mãos para a sombra, que fragilmente retém o contorno ainda, mas não já o cheiro do corpo sumido».

A criança encontra-se representada de um modo classicizante e querubínico, encontrando-se numa posição que enuncia movimento, expressando iniciativa, vontade e intenção de passar à ação. Numa interpretação mais existencialista, a expressão corporal e mímica da figura pode sugerir uma liberdade já realizada, posta em prática.

O rosto enigmático da criança apresenta um sorriso clássico que tanto remete para a estatuária grega, como para as representações cristãs de Jesus como bebé-homem. Estas citações plásticas têm um profundo simbolismo que nos recorda, de um modo reflexivo e desenganado, que estamos sempre presos no dilema entre a liberdade radical e o determinismo das circunstâncias.

Poema 30

O último poema recapitula a condición cíclica da historia, entre guerra e paz, barbarie e civilización, sen un sentido ou unha esencia inequívocos. Graça Morais dialoga dunha forma profunda co texto, centrando a atención na idea da «criança objectiva [que] se aproxima e estende as mãos para a sombra, que fragilmente retém o contorno ainda, mas não já o cheiro do corpo sumido».

A criatura encóntrase representada dun modo clasicista e anxelical, encontrándose nunha posición que enuncia movemento, expresando iniciativa, vontade e intención de pasar á acción. Nunha interpretación máis existencialista, a expresión corporal e mímica da figura pode suxerir unha liberdade xa realizada, posta en práctica.

O rostro enigmático da criatura presenta un sorriso clásico que remite tanto para as estatuas gregas como para as representacións cristiás de Xesús como bebéhome. Estas citacións plásticas teñen un profundo simbolismo que nos recorda, dun modo reflexivo e desenganado, que estamos sempre presos no dilema entre a liberdade radical e o determinismo das circunstancias.

OUTRO MATERIAL EXPOSTO

Entrevista do jornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago no programa televisivo *Escrever é Lutar*, 17/09/1974.
Entrevista do xornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago no programa de televisión *Escrever é Lutar*, 17/09/1974.
Duração Duración 23'42''
RTP Arquivos

Nesta entrevista, José Saramago fala sobre a sua vida pessoal, a obra literária, e o momento que se vivia em Portugal no pós-25 de abril de 1974, mencionando pela primeira vez do livro *O Ano de 1993*, que estava a escrever na altura.

Nesta entrevista, José Saramago fala sobre a súa vida persoal, a obra literaria e o momento que se vivía en Portugal no post-25 de abril de 1974, mencionando por primeira vez o libro *O Ano de 1993*, que estaba a escribir nese momento.

***Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia*.**
Realização Dirección de Joana Morais, 2000.
Duração Duración 32'51''
Reprodução gentilmente cedida pela Autora.
Reprodución xentilmente cedida pola Autora.

Realizado pela filha da pintora, num registo de grande cumplicidade, este documentário aborda a vida e a obra de Graça Morais, com enfoque no legado que a sua obra recebeu das vivências com as gentes, rituais e tradições da sua terra natal.

Realizado pola filla da pintora, nun rexistro de grande complicidade, este documental aborda a vida e a obra de Graça Morais, con enfoque no legado que a súa obra recibiu das vivencias coa xente, cos rituais e coas tradicións da súa terra natal.

1.ª edição edición **de** ***O Ano de 1993*****.**
Lisboa: Futura, 1975.
Capa e arranjo gráfico Capa e traballo gráfico Estúdios da Editorial Futura.

2.ª edição edición **de** ***O Ano de 1993*****.**
Lisboa: Caminho, 1987.
Ilustrações Ilustracións de Graça Morais.

3.ª edição edición **de** ***O Ano de 1993*****.**
Lisboa: Caminho, 2007.
Ilustrações Ilustracións de Rogério Ribeiro.

4.ª edição edición **de** ***O Ano de 1993*****.**
Porto: Porto Editora, 2018.
Caligrafia da capa Caligrafía da capa por José Manuel Mendes.

Redigido entre 1974 e 1975, *O Ano de 1993* é um poema filosófico estruturado a partir da compilação de trinta textos alegóricos em prosa poética. A primeira edição foi publicada pela Editorial Futura, em Lisboa, no ano de 1975, sem ilustrações.

Alguns anos mais tarde, preparando a segunda edição do texto, José Saramago convida Graça Morais para criar dez pinturas que se correspondessem com o universo onírico e poético do texto. Estabeleceu-se, assim, um conjunto interartístico complexo.

A composição escolhida para a capa desta segunda edição – a mancha que sugere todo um universo e as letras do título, abordadas (literária e visualmente) como signos e significantes – simboliza esse encontro entre a palavra escrita e a pintura.

Publicada pela editorial Caminho em 1987, esta edição encontra-se atualmente esgotada.
Em 2007, a Caminho promove uma nova edição da obra, com ilustrações de Rogério Ribeiro, que também estão presentes na versão traduzida para castelhano, de Ángel Campos Pámpano (editora Alfaguara).

A mais recente edição surge em 2017, novamente sem ilustrações, na Porto Editora.

Escrito entre 1974 e 1975, *O Ano de 1993* é un poema filosófico estruturado a partir da compilación de trinta textos alegóricos en prosa poética. A primeira edición foi publicada pola Editorial Futura, en Lisboa, no ano 1975, sen ilustracións.

Algúns anos máis tarde, preparando a segunda edición do texto, José Saramago convida a Graça Morais para crear dez pinturas que se correspondesen co universo onírico e poético do texto. Estableceuse, así, un conxunto interartístico complexo.

A composición escollida para a capa desta segunda edición – a mancha que suxire todo un universo e as letras do título, abordadas (literaria e visualmente) como signos e significantes – simboliza ese encontro entre a palabra escrita e a pintura.

Publicada pola editorial Caminho en 1987, esta edición encóntrase actualmente esgotada.
En 2007, a Caminho promove unha nova edición da obra, con ilustracións de Rogério Ribeiro, que tamén están presentes na versión traducida ao castelán, de Ángel Campos Pámpano, publicada por Alfaguara.

A edición máis recente xorde en 2017, novamente sen ilustracións, na Porto Editora.

Graça Morais
***Retrato de José Saramago*, s.d.**

Acrílico sobre tela
61 x 73 cm
Col. da Artista

Acrílico sobre tela
61 x 73 cm
Col. da Artista

Retrato de José Saramago realizado por Graça Morais algum tempo após a morte do escritor, a partir de uma fotografia divulgada na imprensa.
A pintora capta as feições do rosto através de vigorosas pinceladas e manchas de suaves contrastes cromáticos.
Esta obra constitui um excelente exemplo da prática retratística de Graça Morais, pautando-se pelo compromisso entre o registo das qualidades fisionómicas do indivíduo retratado, e a captação de impressões mais subjetivas de uma personalidade complexa que remetem para aspetos psicológicos individuais, mas que permitem refletir, de um modo mais genérico, sobre a natureza humana.

Retrato de José Saramago realizado por Graça Morais algún tempo despois da morte do escritor, a partir dunha fotografía divulgada na prensa.
A pintora capta as faccións do rostro a través de pinceladas vigorosas e manchas de suaves contrastes cromáticos.
Esta obra constitúe un excelente exemplo da práctica retratística de Graça Morais, pautándose polo compromiso entre o rexistro das calidades fisionómicas do individuo retratado e a captación de impresións máis subxectivas dunha personalidade complexa, que remiten para aspectos psicolóxicos individuais, pero que permiten reflectir, dun modo máis xenérico, sobre a natureza humana.

José Saramago, Graça Morais e o músico Pedro Caldeira Cabral no ateliê da pintora na Costa do Castelo, Lisboa, década de 1990. © Cortesia da Artista

José Saramago, Graça Morais e o músico Pedro Caldeira Cabral no obradoiro da pintora na Costa do Castelo, Lisboa, década de 1990. © Cortesía da Artista